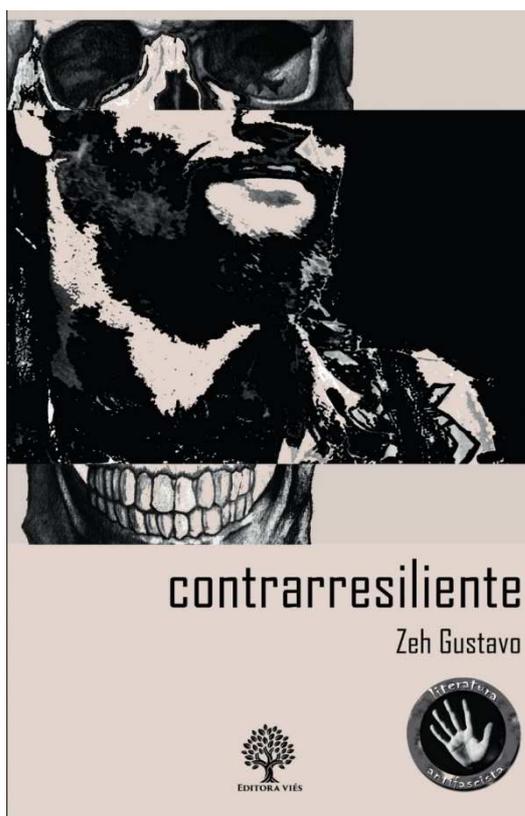


GUSTAVO, Zeh. *Contrarresiliente*. Rio de Janeiro: Editora Viés, 2019 (136 p.).

## Zeh Gustavo e os contrarresilientes ou: isso não é um prefácio, pode ser um posfácio

EDSON PASSETTI (PUC-SP)



Quando a palavra *resiliente* começa a circular pelas bocas das mais variadas pessoas, expressando a valorização da prática de adaptação às circunstâncias com capacidade de retomar a condição original, é preciso um pouco de poesia contra essa moral da moderação conservadora. Poesia para perturbar, atizar, mexer nesse lugar-comum dos usos de palavras para incentivar práticas inovadoras que se ajustam à ordem e que também aparecem, até mesmo, como sinônimas de resistências. Falar de contrarresilientes é muito mais do que

somente elaborar uma crítica retórica a certas práticas disparadas desde a ONU até a mais simplória jogadora de um esporte olímpico. Obviamente, passando pelas reordenações de relações empreendedoras e pelas condutas do capital humano.

Quem se reconhece resiliente é uma pessoa chata, quase tola, travesti de liberal de ocasião, esquerdista oportunista, centrista por comodismo, ativista e militante com ideia fixa, protagonista no *chorus line*, papagaio de corsário, indulgente com autoajuda e tantos outros substantivos acompanhados de qualificativos. A resiliência apanha, agrupa, atrai, solda. Metamorfoseia matéria viva em vivos vitrificados, pretendendo voltar ou retomar condutas convencionais, agora por meio de modulações. Produz empoderamentos e uma elegia das relações horizontalizadas, mas aceitando que inevitavelmente há e haverá sempre a necessidade de uma autoridade centralizada. Em vez do rompimento alegre e cruel com o kantismo, é constituinte da permanência na crença no Estado como categoria do entendimento.

A poesia de Zeh Gustavo, filósofo-escritor-poeta, vem para remexer as brasas que não adormecem, e lançam fogo, labaredas que banham e produzem cinzas vulcânicas para adubar solos arenosos. Poesia-magma que também escorre pelos mares e esquentando até

mesmo inverniais riachos heraclíticos. Ela incita qualquer contrarresiliente a sorver a palavra, tomar atitude e inventar a ética que pode levar à antirresiliência e prosseguir nos percursos inimagináveis das resistências. O que persiste nas resistências é a recusa a ser governado. É prática de ingovernáveis, dos que são contra o que somos, dos que se insurgem e prosseguem potencializando liberdades. É uma atitude ética da revolta e do risco de morte, da parrésia, de *únicos*.

\*

A contrarresiliência é *insubstantível*, o contrarresiliente é *dessujeito*; o contrarresiliente busca uma *célula tramada no fuço do tempo fresco / que rodopia fingindo sua serenidade sangüinária*. A sair pela boca, pela escrita e entrar salutarmente como poesia. Zeh Gustavo, delicadamente, arrasa resiliente, a palavra oca que habita arengas eloquentes de eruditos e diatribes voláteis dos simplórios, para açular labaredas pelo vocábulo contrarresiliente para os ingovernáveis resistentes. O livro está aberto, entre por onde quiser, saboreie os néctares produzidos pelos cuidados de si e se fortaleça.

\*

Um livro para nossa gente que vive em um país *colonopilhado e escravofágico*. Um livro de criança-arteira para incomodar, que dá aleluias à *prole de poemas impossíveis / de serem lidos pelos assujeitinhos normais / e seus multiaparelhos de (in)existir*. Uns *hiperchiliques*. Lincou? Nada de chilique! Invenção de palavras e quantas! Arruinando a chapa-branca sintaxe, a arte de artista da existência. E viva o Cartola: as rosas como *as bombas [que] exalam / o perfume que roubam de nós*. E sigamos para *descerrar as celas!*

*Mais vale amar uma perna de calça ou de saia / que lhe desperte algum afeto* que um poema. Poesia é coisa de amigos, evita e dispensa a tagarelice amorosa dos enamorados edulcorados em poemas. Na poesia está *o tanto de sangue / que ele pode fazer espirrar: focado no grito / porém desconforme*. A poesia e a vida contra *o tempo de um governo otário qualquer, morto-oco* (assim mesmo, num poema sem ponto-final).

Megaevento (Copa, Olimpíada) não é para pobres, é para a polícia treinada meter *Pau nessa putada!* Incluindo a fantasmagoria dos terroristas sob o terror de Estado. Outra vez, somos para eles: *neoíndios assaltados, removidos, descartáveis / em nossa aldeia periférica*. E o Maracanazo se iniciou com o fechamento da geral no estádio! O resto, a chamada arena, é *elefantão de elite*. Zeh Gustavo mexe no consensual *apagão da seleção*, no empreendimento asséptico. Remexe: *Voa, canarinho, voa!*

\*

Segunda entrada. O livro que abre com uma citação de Giorgio Agamben se reabre a partir d'*O PAÍS ATÔMICO*, endereçado a Michel Foucault: *o país atômico não se despedaça / ele se despetala*. Os versos dançam pela página. E o poema é seguido por outro, destinado ao contista e romancista brasileiro, muitíssimo ácido e bem-humorado, André Sant'Anna: *UMA SAGA-COXA*. Chega o Coxinha do Prato Oco conversando com o monsenhor *de parabelo na mão / e uma cruz enfiada no olho do cu*. Depois vêm o Coxinha de Fato Amarelo com sua amiguinha Coxinha do Biquíni Pato Verde-Olivinha que segue para o Condomínnion Laranjal das Milícias e o previsível se torna acaso e lugar-comum. Chegamos à *Bolsolândia!!!* Com cruz no rodapé da página, destino higienista dos quem devem morrer. Poesia que se esparrama

pelo centro da página para romper os limites do centralmente. É para quem precisa da poesia para viver; não é para gostar. É um pote de fel. Em Bolsolândia se exige *elogiar o lixo / adotá-lo como loção*. Então, *no apuro / de um bom faro / re-vidar*. Olhar-se *na solitude extrema*. Lá vêm 80 tiros: não há bala perdida, toda bala é destinada à morte. Cuidado: *tá na moda ser um canalhinha*.

Você me dirá que estou dando *spoiler*. Isso não é um livro de detetive-net, é um livro de detetive selvagem como Roberto Bolaño, que também foi um incisivo poeta. Traça o óbvio e, lembrando Darcy Ribeiro, o grande defensor da indianidade: nosso ofício é falar do óbvio (mais ou menos com estas palavras). E, para minha surpresa, ganhei uma poesia. Chega-se a Mário Chamie: *A ironia de Mário Chamie / é um cemitério de animais tarados / num horizonte de esgrimas / ocas*. E Zeh Gustavo, num haicai, vai *encarnar a obra em lívido tomo*.

Reabrir o livro e começar ou reiniciar (lembra quando aparecia na tela do seu *word* inicializar? Ou isso é uma informação jurássica?). Entramos ou chegamos às *redessocis*: *RE-DOMA*, mais um dos *HIPERCHILINQUES* e *ARTE-AMOR* reduzida a uma punheta. Pensar literatura, prosa, poesia enquanto o *alarme não para de ameaçar tocar*. A urgência: *ainda existe o que come para que serve ela anda? / de que área sobre o que é seu livro? / – já pra fora!*. Contra essa *farsa elitefágica* que produz ipods e *ai-caralhos* (xi, não sei como passar esse verso com itálico e *normal* para esta formatação que escolhi!): *eu não troco a minha face / pelo feici por um fake nem por uma faca*. O contrarresiliente abole a fala em terceira pessoa e mete mais bronca adiante em *PRINCÍPIO-ARTEFATO*, *VÍCIO-ARTISTA*. Em *RAÇÃO*, diz a si próprio: *seja mais*

*malandro zeh / cadê seu faro de fresta?*. Pode ser num domingo ou em qualquer segunda-feira, afinal ontem é hoje.

Um título de poesia é também um verso quando ele e ela estão ali alojados em um espelho quebrado. Lembrei-me de uma canção de Gilberto Gil quando *nós dois estávamos ali alojados na parede* com muito tesão. E como dizia o anarquista Roberto Freire: *sem tesão não há solução*. Em *BRASEUNTE*, há versos com espaços em branco como sinalizava Konstantinos Kavafis sobre o verso político.

Entrada 4. Também pode ser por *BRASEUNTE*. Uma entrada não fecha a porta anterior. Tudo vem de fora. E, como num admirável livro de poesia, abre-se uma página e dali se vai ou ali se fica por aquele dia-momento-noite... Uma *CARICATURA* e *APROVEITANDO A DEIXA, XÓPISENTE?*. Pelo fakebuque, / *postes-pessoas se curtem, /paredes e olhos vendados, / à caça de likes*. Minha mãe morreu. A dele também – ou a do menino travesso desta poesia. Memória persistente no corpo: a marca eterna dela no umbigo. A mãe nunca morre! Fica no corpo todo dia-noite, superfície profunda, até mesmo nos sonhos, de vez em quando. Mãe não é um ideal, ela apenas nos lega um dia de sexo (que tenha sido de gozo) fecundado e me (nos) quis. Caso contrário, teria arriscado um aborto. É, foi e está livre para fazer o que quiser com seu corpo. Nele as mãos que acariciam não devem ser as mesmas que apedrejam, viu, Augusto dos Anjos?, *sinto, muito*. E a vovó, *uma mulher trabalhadeira*, tomando todas. Num *paulistês*: *Vinha o garção com mais uns xôpis. Velha danada...* E com o *Tio Gui*, com quem a mãe dele (do poeta) *implicava*. *Vão dizerdenhar*: poema discritivo. Vão se não tiverem um desvão, não forem arquitetos de si! A avó

cantarolava o *Antonico* do Ismael Silva. Será que ela também ouviu, um montão de vezes, a Gal Costa arrasar nessa canção? Assim enfrentamos o *continuamos vivendo – em grande dificuldade*. O contrarresiliente desvia do tosco e combate como singular guerreiro, na “ajuda mútua” como os anarquistas, como queria o inesquecível anarquista Jaime Cubero, aqui de São Paulo; ou pelo infortúnio do guerreiro selvagem descrito pelo antropólogo Pierre Clastres. Um não para *a vida toda contida em caixas*, um tempo para o *uivo* (Allen Ginsberg, de passagem e dando passagem), para o *andarilho* (de Friedrich Nietzsche e David Henry Thoreau), para a vida *n’o tempo do fim do desastre*, e *não implore a um deus cabaço que já morreu* (novamente num poema sem ponto-final).

Batuque um samba e caia em *UMA VÍRGULA OU UM TRAGO* para Charles Bukowski (estamos todos-tudo ligados mesmo): na bebida, como dizia o Gilles Deleuze, que por muito tempo fez filosofia com muito vinho, o último gole é sempre o penúltimo. E eis o cão dos cínicos (Diógenes de Sínope... E pode ser também para Antístenes de Atenas, mas aqui já é para os que se dedicam à história da filosofia), a coragem da verdade (Michel Foucault e os anarquistas militantes), jamais um *ANIVAMPIRE*. E é isso mesmo: *quando a gente não pode mudar, a gente avacalha*, dizia o Bandido da Luz Vermelha, no filme homônimo de Rogério Sganzerla. Intão: *poesia doce, de cu, é rola!* Por essas e outras é que gosto de filosofia e passo a ter o Zeh Gustavo entre os poetas e filósofos de que gosto: *de gana cismado busco / e inflamo / espaços indispostos / entornos / para que eu ali me ajeite / meus braços conforme / suas margens me caibam / mas eu as extrapole // desdaí eu sigo / modo rio / arrimo / exílio*. Peguei para

minim. Isquíuzimi, como diz minha amiga Lúcia Trovão.

Última, ou penúltima entrada, antes do último... café: *dos silêncios não se pode lembrar / senão a textura* (é o verso). Aprecio a escrita que abole a caixa alta e gosto de coisas que misturam tudo em caixa alta, como alguns títulos destas poesias, para atçar (e que se aprenda a pronunciar e a cantar na canção de Luis Miguel: *por eso me pregunto ao ver que olvidaste / por qué no me enseñaste cómo si vivi sin tí*). Amor-paixão arrasa quarteirão. É tudo entre, mesmo: preposição e convite. O desenho de mulher guerreira pulsa quando ela vira fera (na *lua da supernova...*) a *atirar minhas garras / na medianiz de um precipício*, com muita *ANARGUIA*. Como o parceiro classificado em população de rua, que entorna a sopa, recusa a oração, recua para avançar (*MANCHETE*). Acabar com esse *negócio* de ser alimento de políticas públicas, filantropos e pastorais. O cão, mesmo com o focinho massacrado *com gás, spray de pimenta / e suas orelhas / a pedradas / [...] o cão ainda ama / o cão ainda late / o cão ainda morde*. Afinal, *só me [lhe] resta a curva* (*PORTE DE FIRULA*).

O contrarresiliente *contracorrente cortacorrentes / voz ou eco dos silêntes*. E a *BROTAR ENGUIÇO*: *a escrever um poema em língua pouco lida / sempre em dívida com o não dito / poema que não tem tradução só aversão / quando (não) lido na língua da urgência / na língua do útil a língua média [...], em redevir*. *Viver é luta / e lida*. Aprendi a amplitude do verbo lidar e a do substantivo feminino desde que conheci Nise da Silveira! É simples, como Zeh Gustavo nos dá: *meu canto é como um parêntesis nem dito* (também sem ponto-final), chegando ao desfecho para ressoar o vozeirão de Milton Nascimento, em

poesia a ele oferecida, e ao Chico (ao Buarque, né?) e ao Victor Jara (fodão!). Xi, fiquei íntimo. Poesia é assim. Quer dizer, nem todas como as deste livro (livro, caderneta de anotações?).

\*

Bem, ganhei eu o presente para redigir um prefácio que é posfácio porque não pretendo embaçar a leitura de quem pegou neste livro (pagou, furtou, tomou emprestado prometendo devolver...). Ando um pouco marcado por leituras de anotações que podiam permanecer dispersas, como as dos diários do Ricardo Piglia, as de *Dias exemplares* de Walt Whitman e no *Tumulto* de Hans Magnus Enzensberger. As sugestões sobre anotações também vieram do poeta, músico e cantor Gustavo Gallo, que também é o Gustavo Simões, pesquisador firme e forte de John Case e que teve como avó, por adoção sideral dele, a Judith Malina, do meu neto Gustavo, que desenha com cores incríveis aos 5 anos... Tudo isso e um tanto de desvão me moveram para as anotações neste livro, **CONTRARRESILIENTE**.

De repente (como na abertura do *Soneto da separação*, de Vinícius de Moraes, em pleno 1938, no meio do oceano Atlântico, quando ele ainda não era do Itamaraty e não desconfiava que a porra da futura ditadura civil-militar o espirrasse como embaixador qualificando-o de vagabundo, e um viva a esses vagabundos!), ao abrir meus *e-mails*, dei de cara com o convite do Zeh Gustavo para escrever algo sobre seu livro. Presente do acaso, junção de acasos e, por acaso, não sou trouxa de perder essa propícia viagem de andarilhos que ainda se encontrarão na

paisagem: *Existirmos: a que será que se destina?*, nem preciso citar de quem é.

Com meu respeito e consideração antirresiliência e antirresiliente, tomo o verso do René Char para te dizer: *em meu país se agradece*.

**EDSON PASSETTI**

### **SOBRE O AUTOR**

Zeh Gustavo é músico, escritor, revisor carioca morador de Cuiabá (MT). Mexe com poesia, canto, letra, conto. Fez uma breve incursão pela filosofia política com um mestrado que relacionou o tema da vida outra de Foucault ao escritor da marginália Antônio Fraga. Na música faz parte, como cantador, de grupos como o Terreiro de Breque e já passou também por Cordão do Prata Preta, Samba da Saúde e Banda da Conceição. Há, no prelo, o álbum musical *Raiz e folha: o cancionário de Zeh Gustavo*, gravado pela cantora baiana Kell Santos. Organizou, junto com Rafael Maieiro, a coletânea poética *Jumento com Faixa: deboches e antiodes ao fascismo* (Viés, 2021), do qual também é um dos autores. Na literatura, publicou, ainda, *Contrarresiliente* (Viés, 2019), *Eu algum na multidão de motocicletas verdes agonizantes* (Viés, 2018; vencedor do Prêmio Lima Barreto de Contos da Academia Carioca de Letras), *Pedagogia do suprimido* (Verve, 2013; Autografia, 2015), *A perspectiva do quase* (Arte Paubrasil, 2008) e *Idade do Zero* (Escrituras, 2005). Participou, entre outras, das coletâneas *@Normal: o mundo pós-pandemia segundo a literatura* (Literatura Cotidiana, 2020), *Porremas* (Mórula, 2018), *Para ler o samba* (Ímã, 2016), *O meu lugar* (Mórula, 2015), *Rio de Janeiro: alguns de seus gênios e muitos delírios* (Autografia, 2015), *Porto do Rio do início ao fim* (Rovelle, 2012). Foi um dos organizadores das quatro edições do FIM (Fim de Semana do Livro no Porto).